

Geografia e Educação: o ensino das paisagens de Mato Grosso do Sul através da música

Geography and Education: teaching the landscapes of Mato Grosso do Sul through music

Geografía y Educación: enseñando los paisajes de Mato Grosso do Sul a través de la música

Valdemir Pomerening de Mello Júnior¹

 <https://orcid.org/0000-0001-8477-4908>

Rafael Oliveira Fonseca²

 <https://orcid.org/0001-8477-4908>

RESUMO: A educação é um dos pilares essenciais para o desenvolvimento de uma sociedade. Assim, se faz necessária uma reflexão sobre as suas bases atuais, incluindo, nesta perspectiva, o ensino de Geografia, largamente baseado em uma lógica enciclopédica e superficial, não propiciando aportes ao discente a considerar um pensamento crítico. Dessa forma, este artigo busca analisar de que forma as músicas sul-mato-grossenses apresentam em suas letras aspectos relacionados ao conceito de *paisagem* e como elas podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de modo a promover outras e/ou maiores possibilidades de práticas educacionais mais significativas e contextualizadas. Para tanto, a metodologia foi baseada em uma revisão bibliográfica sobre os temas pertinentes, como: Educação, Geografia escolar, práticas de ensino, músicas sul-mato-grossense etc. Em continuidade, foi realizado um levantamento para ver quais músicas regionais de Mato Grosso do Sul trazem em suas letras elementos das paisagens do estado. Posteriormente, essas músicas foram analisadas, para verificar quais tipos de paisagens elas carregam em suas letras e também como elas podem ser trabalhadas em sala de aula. Concluiu-se que as músicas podem contribuir de maneira significativa para o processo de ensino e aprendizagem, enfatizando para o educando uma relação de pertencimento e identidade em relação ao espaço vivido.

PALAVRAS-CHAVES: Geografia. Ensino. Paisagem. Música. Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT: *Education is one of the essential pillars for the development of society. Thus, it is necessary to reflect on its current bases, including, in this perspective, the teaching of Geography, and thinking. Thus, this article seeks to analyze how the songs linked to the Brazilian state of Mato Grosso do Sul present in their lyric's aspects related to the concept of landscape and how they can contribute to the teaching and learning process in order to promote greater possibilities of more meaningful and*

¹ Mestrando pelo Programa de Pós Graduação em Mestrado Profissional em Educação, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Docente da Educação Básica pela Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul – SED/MS. E-mail: valdemirdemello@gmail.com.

² Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Campo Grande/MS. E-mail: rafaelfonseca@uems.br.

contextualized educational practices. Therefore, the methodology was based on a literature review on relevant topics, such as: Education, School Geography, teaching practices, music from Mato Grosso do Sul, etc. Next, a survey was carried out to see which regional songs from Mato Grosso do Sul bring elements of the state's landscapes in their lyrics. Later, these songs were analyzed, to see what types of landscapes they carry in their lyrics and also how they can be worked on in the classroom with the students. It was concluded that music can significantly contribute to the teaching and learning process, emphasizing for the student a relationship of belonging and identity in relation to the lived space.

KEYWORDS: *Geography. Teaching. Landscape. Music. Mato Grosso do Sul.*

RESUMEN: *La educación es uno de los pilares fundamentales para el desarrollo de una sociedad. Por tanto, es necesario reflexionar sobre sus bases actuales, incluyendo, en esta perspectiva, la enseñanza de la Geografía, basada en gran medida en una lógica enciclopédica y superficial, no aportando al alumno elementos que contribuyan al pensamiento crítico. Así, este artículo busca analizar cómo las canciones del estado brasileño de Mato Grosso do Sul presentan en sus letras aspectos relacionados con el concepto de paisaje y cómo pueden contribuir al proceso de enseñanza y aprendizaje para promover posibilidades de prácticas educativas más significativas y contextualizadas. Por lo tanto, la metodología se basó en una revisión de la literatura sobre temas relevantes, tales como: Educación, Geografía escolar, prácticas docentes, música de Mato Grosso do Sul, etc. Posteriormente, se realizó una encuesta para ver qué canciones regionales de Mato Grosso do Sul traen elementos del paisaje estatal en sus letras. Posteriormente se analizaron estas canciones, para ver qué tipo de paisajes llevan en sus letras y también cómo se pueden trabajar en el aula. Se concluyó que la música puede contribuir significativamente al proceso de enseñanza y aprendizaje, enfatizando para el alumno una relación de pertenencia e identidad en relación al espacio vivido.*

PALABRAS CLAVE: *Geografía. Enseñando. Paisaje. Canción. Mato Grosso do Sul.*

INTRODUÇÃO

Pensar a educação nos dias atuais é, ainda, perceber antigas práticas pedagógicas; características do ensino tradicional, pautado na figura central do professor como único detentor do conhecimento, conforme destaca Saviani (2012), que apresenta a escola organizada em classes, com um professor regente, passando o conteúdo e os alunos prontamente escutando e fazendo as atividades de maneira disciplinada.

Essa base educacional tradicional, no atual panorama da sociedade, acaba, por vezes, se tornando distante de práticas que realmente conseguem apresentar aos alunos possibilidades de desenvolverem um pensamento crítico e uma formação cidadã.

A mudança pedagógica que todos almejam é a passagem de uma Educação totalmente baseada na transmissão da informação, na instrução, para a criação de ambientes de aprendizagem nos quais o aluno realiza atividades e constrói o seu conhecimento. Essa mudança acaba repercutindo em alterações na escola como um todo: na sua organização, na sala de aula, no papel do professor e dos alunos e na relação com o conhecimento (VALENTE, 1999, p. 31-32).

Partindo dessa perspectiva, considera-se, neste artigo, um olhar específico à Geografia e seus desdobramentos enquanto componente curricular da educação básica; o pensar sobre seus conceitos que assim como a educação, também reflete uma prática que perpassa por uma pedagogia historicamente tradicional. Conforme Moreira Júnior (2016, p. 28) destaca, “[...] as práticas pedagógicas que acompanharam esta corrente do pensamento geográfico nas escolas se aproximaram da chamada pedagogia tradicional”, no caso em questão, a corrente do pensamento geográfico refletida em uma base da Geografia tradicional.

Nessa linha de pensamento, pode-se refletir sobre como os conceitos principais da ciência geográfica são abordados em sala de aula, como, por exemplo, a paisagem, essa que conforme define Maximiano (2004, p. 89), em termos práticos “[...] resulta da relação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos.” Esta definição, acompanhada pela ideia de que a paisagem não é apenas um fato natural, mas que inclui a existência humana, são as definições que servirão de base para este trabalho.

Nessa perspectiva, a motivação geral do presente artigo é refletir sobre as perspectivas do ensino de Geografia na educação básica, a partir do conceito de paisagem, buscando compreender as formas como esse conceito é abordado em sala de aula e como pode ser abordado, de acordo com as diferentes possibilidades que podem ser utilizadas no seu processo de ensino e aprendizagem, através de uma perspectiva lúdica, por meio da utilização da música regional.

Para tanto, o recorte considerado se fundamenta na adoção de músicas regionais, por isso foram escolhidos elementos culturais de Mato Grosso do Sul, estado que é rico em diversidade cultural, como corroboram Araújo e Vargas (2017, p. 02):

O estado de Mato Grosso do Sul detém um território fronteiriço, integralmente inserido na Bacia Platina, encravado no interior do continente sul-americano, cuja configuração tem sido marcada por uma situação de pluralidade de variáveis que convergem para sua formação, resultando em uma cultura forte e diversa.

Parte-se, então, do entendimento que pensa em como a Geografia, enquanto componente curricular da educação básica, se organiza, sabendo que as bases educacionais ainda são pautadas no modelo tradicional e, ainda, como pode ser trabalhado de forma a romper tal lógica, abrindo o leque a diferentes possibilidades; neste caso, fazer o uso de músicas que contextualizam as paisagens do estado de Mato Grosso do Sul.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar de que forma as músicas regionais apresentam, em suas letras, aspectos relacionados ao conceito de paisagem e como elas podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem da Geografia na

educação básica de modo a promover outras e/ou maiores possibilidades de aprendizagem, significativas e contextualizadas em uma perspectiva lúdica.

Em vista disso, o presente artigo se estrutura da seguinte forma: uma primeira parte balizada em temas vinculados à: educação, Geografia e música. Posteriormente, foram apresentados os resultados e as discussões acerca dos pontos refletidos pela pesquisa e, por fim, as conclusões.

SOCIEDADE E EDUCAÇÃO

A sociedade vista como espaço plural de significados e resignificados é transformada todos os dias por diferentes agentes, com inúmeras contradições, que a colocam como objeto perene de estudo, pautada por perspectivas econômicas, políticas, éticas/morais e, sobretudo, educacionais.

Essa realidade se faz no contato diário dos diversos atores, nos mais variados contextos, conforme assinala Freire (1967, p. 39): “[...] o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é”.

Refletindo sobre essas contradições, especificamente dentro do modo capitalista de produção, identificam-se diferentes realidades: as duras vivências, com privilégios e riquezas na mão de poucos enquanto a grande parcela da população fica à mercê de diversos problemas: “Numa sociedade estruturada nas desigualdades de raça, gênero e sexualidade, idade e classe social, as disputas são inerentes e as controvérsias, as idas e vindas, são constantes nos jogos de poder”, conforme explicita Silva (2016, p.15).

Considerando a educação como base da sociedade é que se visualiza uma educação formada pelos e para os seres humanos. De acordo com Saviani (1986, p. 29): “[...] como a educação visa o homem, é conveniente começar por uma reflexão sobre a realidade humana, procurando descobrir quais aspectos ela comporta, quais suas exigências referindo-as sempre à situação existencial concreta do homem brasileiro”.

Sendo essa educação para os seres humanos, como pensar a educação como ato libertário e transformador enquanto processo contínuo, diário, na construção cidadã? Como calcar bases educacionais a fim de promover o desenvolvimento crítico por parte dos alunos? Como pensar a educação enquanto reflexo da sociedade?

Essa abertura à realidade que se identifica no âmbito educacional, enquanto ação cotidiana remete às possibilidades de transformações sociais, de construção de um pensamento crítico, não refletindo sobre as bases educacionais de forma superficial, mas considerando uma educação justa e igualitária, na intenção de superar as barreiras sociais e

econômicas, entre outras. Essa ruptura entre o pensar tradicional, para um novo paradigma de reflexão, enquanto processo de formação crítica, é um dos grandes desafios impostos na práxis atual:

A mudança pedagógica que todos almejam é a passagem de uma Educação totalmente baseada na transmissão da informação, na instrução, para a criação de ambientes de aprendizagem nos quais o aluno realiza atividades e constrói o seu conhecimento. Essa mudança acaba repercutindo em alterações na escola como um todo: na sua organização, na sala de aula, no papel do professor e dos alunos e na relação com o conhecimento (VALENTE, 1999, p.31-32).

Transformação que demanda tempo, esforços e resistências, pois toda abertura ao novo requer ousadia e passos reflexivos, calcados, sobretudo, na ciência. Sabendo do papel claro da escola nesse sentido, Vasconcelos (2007, p. 111) salienta “[...] a escola fornece um horizonte mais amplo no qual a criança ou o jovem inscrevem as suas vidas. Daí a importância de uma educação da responsabilidade e a necessidade do compromisso social”. Nesse rumo, uma ação educacional, realmente pautada em processos voltados a propiciar aos alunos formação cidadã e crítica, é que deve ser o enfoque de toda essa relação:

Na prática, cabe à escola repensar naquilo que é a sua missão - constituir uma comunidade de aprendizagem – e implementar modelos organizacionais que valorizem o papel dos diferentes actores envolvidos no processo educativo focalizados num objetivo muito claro: a necessidade que incumbe a escola e os professores de preparar cidadãos para um mundo competitivo que valoriza a adaptação à mudança a inovação e a criatividade (COUTINHO; ALVES, 2010, p. 207).

Indo por esse viés, a escola ganha papel de destaque nesse processo, mas há de se saber que dentro desse contexto outros fatores devem ser considerados, tais como incentivos econômicos por parte do Estado, a sociedade e até questões ligadas ao acompanhamento familiar, pois a escola não é alheia a isso.

A escola é uma instituição complexa gerida na trama das relações condicionantes do sistema educacional. Situada entre o legal e o real, é singularmente espaço em que a cultura se pretende hegemônica. Diluindo as diferenças, nega a história e se corporifica na relação substancial: a competência e oportunidade. Portanto, perquirir a dimensão social das políticas educacionais, na escola, equivale a perscrutar [...] (DAVID, 2015, p.127).

Nesse jogo entre a escola reflexo da educação e a educação reflexo da sociedade, pensando nos processos que são fatores essenciais, há, também, a problemática do currículo de referência, que se torna peça chave para a construção de um ensino que

contemple aspectos para uma formação coerente. “A estrutura escolar (em geral, por reflexo da estrutura social), é fértil em exemplos dessa natureza. Muitas das questões que integram os currículos escolares são destituídas de conteúdo problemático [...]”, conforme salienta Saviani (1986, p. 22).

Pensar a questão curricular é de suma importância, pois é através dela que é “sistemizado” o conhecimento formal dos componentes curriculares. Quando se reflete sobre a questão curricular, se reflete sobre qual o impacto que ela traz para a formação do discente. Conforme Macedo (2012, p. 720), “[...] as questões em torno do que ensinar se tornaram centrais e se vinculam à preocupação do campo do currículo com o conhecimento”.

Este impacto reflete a noção de qual caminho a educação vai seguir, seja por um viés voltado ao campo de formar alunos para o mercado de trabalho, pensando em um ensino tecnicista, seja por um viés de um ensino voltado para práticas de reflexão e crítica:

[...] a escola evidencia-se como um espaço de produção/reprodução de informação e conhecimento para formar indivíduos mais direcionados para o mercado de trabalho, com um raciocínio lógico, o que é muito salutar; entretanto, consta-se que, em muitas situações, a referida formação é desprovida de um senso crítico, fundamental para a construção de uma consciência mais aprofundada [...] (OLIVEIRA, 2015, p. 240).

Mesmo com a dualidade, ainda se considera a importância do ensino tradicional para a evolução do pensamento da educação brasileira, haja vista que seu processo foi e ainda é parte do panorama apresentado.

Duarte (2016) apresenta a ideia de Gramsci, ao considerar o ensino do latim como parte importante para o processo da evolução do pensar educacional, não desconsiderando que esse ensino realmente era muitas vezes algo mecânico, passível de um processo intelectual ao aluno em decorar o conteúdo, todavia, ainda assim, “[...] o estudo gramatical formava hábitos necessários às atividades intelectuais que não se manifestam espontaneamente, exigindo um esforço sistemático” (DUARTE, 2016, p. 61).

Dessa forma, a partir dos esforços intelectuais, o processo de aprendizagem começa a ser despertado, mesmo em uma perspectiva muito mais voltada à prática de um conhecimento mnemônico e enciclopédico.

A partir dessa perspectiva, tanto no sentido educacional quanto curricular, é que se aproxima a discussão dos componentes curriculares identificados na escola, que traduzem todo o panorama da hierarquia da educação. No caso deste trabalho, a reflexão sobre a questão da ciência geográfica.

A GEOGRAFIA ESCOLAR E O CONCEITO DE PAISAGEM

A ciência geográfica vem de encontro a um olhar crítico sobre os fenômenos perante à realidade, considerando a relação dos aspectos físicos e humanos no espaço geográfico, conforme Silva *et. al* (2020, p. 244): “[...] um dos aspectos fundamentais da Geografia que é compreender os diferentes fenômenos com um olhar crítico e interrelacionado [...]”, enfatizando a relação homem e meio.

Em relação a isso, a Geografia possui, como base, algumas categorias indispensáveis, sendo elas: espaço, território, região, lugar e, claro, a paisagem, que ganhou contornos únicos ao longo do tempo, dentro das pesquisas geográficas.

Inicialmente, a paisagem era vista apenas como elemento descritivo ancorado no positivismo, “[...] muito focados nas descrições das formas físicas da superfície terrestre”, como destaca Salgueiro (2001, p. 41). Essa visão passa pela forma da Geografia Clássica, em autores como Humbolt e Ratzel, que traziam uma visão muito mais naturalista para o bojo geográfico.

Paisagens são, em quase todas as abordagens dos séculos XIX e XX, entidades espaciais que dependem da história econômica, cultural e ideológica de cada grupo regional e de cada sociedade e, se compreendidas como portadoras de funções sociais, não são produtos, mas processos de conferir ao espaço significados ideológicos ou finalidades sociais com base nos padrões econômicos, políticos e culturais vigentes (SCHIER, 2003, p. 82).

Vale ressaltar que por mais que autores viessem de um mesmo pensamento positivista, as ideias sobre esse conceito variavam e continuam variando partindo de cada premissa, de cada forma de análise na qual é pautada. Como assinala Schier (2003, p. 80) “[...] observa-se que existem certas tendências ‘nacionais’ mostrando que o entendimento do conceito depende muito, das influências culturais e discursivas entre os geógrafos”.

Já no avanço do pensamento geográfico, o conceito de paisagem ganhou novos significados: de um lado geógrafos adeptos da perspectiva ecológica, apresentando bases naturalistas, do outro aqueles atrelados à Geografia Humana, relacionados, principalmente, com o espaço vivido, construído pela subjetividade individual (SALGUEIRO, 2001).

Trazemos à luz, também, a relação construída entre o conceito de paisagem com outros conceitos geográficos, como por exemplo, paisagem e região, apresentando características similares de estudo, enquanto há conceitos mais distintos, tal como paisagem e espaço.

Há designações que surgem ao mesmo tempo (por exemplo Paisagem e região), enquanto outras parecem antagônicas e aparecem em tempos

diferentes (como é o caso de espaço e paisagem ou espaço e território). De facto traduzem objetos de análise diferentes nos seios de correntes teóricas diferenciadas [...] (SALGUEIRO, 2001, p. 40).

Destaca-se que, no presente artigo, o conceito abordado de paisagem traduz uma relação entre fatores naturais e antrópicos, considerados nas diferentes músicas, analisando então a perspectiva de paisagens naturais (ainda que com ação antrópica) e culturais (refletidas nas ações humanas), pensando que, mesmo de maneira descritiva, apresentam elementos a serem abordados, principalmente no campo didático escolar, e, desse modo, refletir como os conceitos são trabalhados no contexto da Geografia escolar.

Na perspectiva de tal Geografia, que em alguns casos apresenta suas bases calcadas em uma perspectiva tradicional, com currículos descompassados com a realidade, muitas vezes distantes do objetivo central da educação em promover uma educação cidadã e crítica, Cavalcanti (2003) aponta duas disposições para o ensino de Geografia nas escolas: uma baseada nos moldes tradicionais de educação e a outra visando práticas alternativas.

Essa base tradicional vem de todo o bojo tecido no âmbito da educação ao longo da história, fato que se reflete na Geografia escolar. Tratando de forma específica o termo relacionado às bases tradicionais de forma mais contundente, pode ser verificada na Geografia, como apresenta Moreira Júnior (2016), marcada pelo simples fato do aluno decorar informações passadas pelo professor, informações superficiais, como qual o maior rio do Brasil, qual o país mais populoso do mundo, entre outros exemplos. Questionamentos que se distanciam da Geografia preocupada com o pensamento crítico. São pautados em uma perspectiva enciclopédica e classificatória. Por outro lado, pensando na perspectiva que Cavalcanti (2003) apresentou, esta ideia de práticas alternativas é um novo olhar sobre a égide da Geografia escolar, conforme Santos, Joia e Anunciação (2016, p. 129), abordam de maneira clara:

[...] a grande evolução foi dá-lo dinamicidade, o enfoque de inovar e trazer para a sala de aula metodologias e técnicas que possam garantir ao professor, provido do conteúdo, o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula, visando substituir o pragmatismo.

O primeiro ponto quando se pensa na questão da dinamicidade é levar em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, uma vez que cada indivíduo possui suas especificidades, sua forma de ver o mundo, e possui conhecimento prévio sobre determinado fenômeno (ainda que de forma empírica).

Partindo desse panorama, desmistifica-se a velha premissa de que o professor é a figura central do ensino, e o aluno apenas o receptor, que vai ouvir e apenas decorar as

informações. Este ensino já não cabe nas perspectivas atuais, ou não deveria caber, como apresenta Cavalcanti (2003, p. 191):

[...] algumas experiências e alguns encaminhamentos começam a ganhar consistência: a consideração do ensino como construção de conhecimentos, a escola como síntese de culturas, de saberes, o professor como mediador do processo de formação (intelectual, afetiva e social) dos alunos, o aluno como sujeito de seu processo de formação e desenvolvimento intelectual, afetivo e social, o saber do aluno como dimensão do processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, a Geografia na escola começa a assumir verdadeiramente um de seus papéis: propiciar formas para os alunos desenvolverem seu pensamento crítico, refletindo sobre a realidade em que vivem.

Partindo desse ponto, cabe analisar também outras práticas de ensino, com relação ao processo de ensino-aprendizagem e reconhecer, conforme Libâneo (2002, p.26), “[...] que a escola não detém sozinha o monopólio do saber. Há hoje um reconhecimento de que a educação acontece em muitos lugares” e, conseqüentemente, através das paisagens.

Ainda nessa perspectiva, Oliveira e Holgado (2016) pontuam como um dos desafios atuais da educação elaborar e construir aulas mais atrativas, tendo ciência de que os alunos, muitas vezes, acabam obtendo informações por outros meios, ainda que, de certa forma, incoerentes. É necessário pensar nos diferentes planos para a didática do professor em sala de aula e, citando Pimenta, (1998, p.172):

Os saberes pedagógicos, em si, não modificam a ação de educar, não geram novas práticas. Compete-lhes alargar os conhecimentos que os professores têm de sua ação sobre a própria ação de educar, nos contextos onde se situam (escolas, sistemas de ensino e sociedade). É no confronto e na reflexão sobre as práticas e os saberes pedagógicos, e com base neles, que os professores criam novas práticas.

Partindo desse ponto, reflete-se sobre a música e suas possibilidades de utilização em sala de aula, como prática de ensino, visando proporcionar aulas mais didáticas e dinâmicas.

PRÁTICAS DE ENSINO: MÚSICA E SUAS POSSIBILIDADES

Muitos aspectos são considerados, atualmente, em relação às questões didáticas, refletindo sobre o contexto educacional, em práticas que realmente sejam condizentes com a realidade vivenciada por alunos, professores e a própria escola.

A questão da temática da didática é discutida, principalmente, nas obras de Comênio, que por muitos anos foi (e é) considerado o precursor dos estudos sobre esse tema, desde o pensar a organização escolar até a questão dos manuais didáticos (ALVES, 2012).

Alves (2012) apresenta o pensamento de Comênio ao considerar as divisões que ele trouxe, como o ensino coletivo, professor de um lado, um número maior de alunos do outro e utilização de elementos didáticos, como os manuais didáticos, o próprio pensar do espaço físico da escola.

Dessa forma, a didática passa a ganhar novas considerações ao longo da história, diferentes olhares e sentidos que se apresentam junto dela, que favorecem para apresentar, historicamente, um conhecimento produzido.

Duarte (2016), ao fazer uma analogia com os vivos ressuscitam os mortos, esses, que por sua vez, se apoderam dos vivos, nos ajuda a compreender o conhecimento produzido pelo ser humano ao longo do tempo que acaba sendo, sistematicamente, apropriado pela subjetividade de cada um, e o conhecimento se torna parte desse ser, desse indivíduo. Essas considerações se justificam, principalmente, ao se pensar que as práticas de ensino que existem hoje são reflexo de uma história evolutiva vivida pela sociedade.

Por essa perspectiva, atenta-se em como a música pode contribuir para a formação intelectual e cidadã no contexto escolar, emergindo como prática de ensino e aprendizagem, que auxilia o sentido didático em função das aulas.

Considera-se a música, sobretudo, pelo fato de que sempre fez parte da trajetória humana, desde os diferentes ruídos advindos da natureza (trovões, barulhos da chuva, canto dos pássaros), até as formas mais elaborados de sons, como cantigas infantis, sons provenientes da televisão/rádio, como apresenta Uriarte (2004, p.246):

O homem nasceu num mundo repleto de sons. O trovão, amedrontando-o, tornou-se símbolo dos poderes celestiais. Os habitantes do litoral conheciam o bom ou o mau humor dos deuses pelo bramir das águas. Os ecos eram oráculos e as vozes dos animais, revelações.

Ainda na pré-história, com os homens das cavernas, a utilização de sons rítmicos para a comunicação já era conhecido, “[...] a música, como qualquer outra arte, acompanha historicamente o desenvolvimento da humanidade. Antes mesmo do descobrimento do fogo, o ser humano já se comunicava por meio de sinais e sons rítmicos”, como destacam Moreira, Santos e Coelho (2014, p. 43).

Com o processo evolutivo da sociedade, os sons começaram a ganhar formas mais complexas, compondo, agora, as músicas, incorporados às letras. Dessa forma, pode-se compreender que, dentro do processo evolutivo da própria sociedade, a música está presente como algo contínuo, usado primariamente para comunicação, posteriormente

como parte integrante das artes, e em diversos outros processos “[...] ao mesmo tempo diz que a música e a linguagem humana podem ter evoluído de uma forma expressiva comum”, como descreve Correia (2010, p. 135).

Mas como pensar a música sendo parte de uma prática de ensino em sala de aula? Qual função pode-se elencar a ela? São indagações que ajudam a nortear o debate para a construção de uma base sólida.

A música acompanha o processo de desenvolvimento da sociedade em seus respectivos momentos, mas ao se pensar em sua utilização como recurso didático, ainda é possível encontrar uma série de barreiras, como salienta Uriarte (2004, p. 49): “[...] a Música, em geral, não tem seu grande potencial devidamente explorado para que o educando construa e se reconheça como indivíduo e/ou como ser social”.

São barreiras verificadas desde a sua plena utilização em sala de aula, com resultados interessantes, até o ponto de a música ser encarada apenas num sentido recreativo, sem propriamente um fim didático pedagógico.

Nesse sentido, é importante trazer à tona a música como variável a ser considerada no âmbito escolar por dois motivos principais: o primeiro, pelo fato de incentivar a criatividade através dos mais variados sons; o segundo, pelas ideias, formas e signos retratados nas mais diversas letras musicais.

Quando se pensa na utilização da música no contexto da sala de aula, é possível refletir o contexto que ela emprega na construção da criatividade do aluno: os diferentes sons, formados harmoniosamente pelos instrumentos, aumenta a sensibilidade auditiva do aluno, e a partir disso desperta um lado muito mais criativo e dinâmico.

A música pode ser uma atividade divertida e que ajuda na construção do caráter, da consciência e da inteligência emocional do indivíduo, pois desenvolve a mente humana, promove o equilíbrio, proporciona um estado agradável de bem estar, facilita a concentração e o desenvolvimento do raciocínio [...] (MOREIRA; SANTOS; COELHO, 2014, p. 42).

Além disso, a própria oralidade, desenvolvida pela presença de letras nas músicas, ou o próprio cantar, auxilia no desenvolvimento do aluno, dessa forma, “[...] promover atividades que envolvam a musicalidade na Educação Infantil pode ser uma ferramenta eficaz na promoção do desenvolvimento, favorecendo diversos aspectos, tais como: memória, imaginação, pensamento, e principalmente a oralidade”, como salientam Barros, Marques e Tavares (2018, p. 6).

O segundo ponto que se destaca é a forma como a música pode apresentar, em suas letras, diferentes contextos e signos; transmitir ideias de diferentes formas e construir conceitos a partir de suas letras, como ressaltam Barros, Marques e Tavares (2018, p. 6-7) “[...] no ambiente escolar a música exerce uma segunda função que é o ensino e

aprendizado de conceitos, ideias, formas de socialização e cultura. Este trabalho promove o desenvolvimento tanto dos fenômenos externos na instância cultural [...]”.

As letras das músicas, concebidas a partir das impressões de cada compositor e incorporadas às melodias e ritmos, compõem uma parte importante que retrata os mais diversos elementos da vida: aspectos do ambiente onde se vive, das festas da cidade, dos sentimentos cotidianos etc. Pode-se dizer que é possível ensinar aos alunos diversos conteúdos de uma forma dinâmica, quando se faz uma releitura e análise de determinadas letras:

Ao ouvir uma música, podemos ser levados a pensar em diferentes lugares, talvez seja pelas descrições que são feitas nas letras das músicas ou pelos significados que podem ser atribuídos por aqueles que ouvem as músicas. Mesmo as músicas, com seus ritmos, podem nos levar a imaginar lugares devido à associação que constantemente recebemos sobre as músicas que estão relacionadas a determinados lugares. Podemos ouvir um reggae e associamos à Jamaica, ou um tango e pensamos na Argentina. Pensando nas diferentes manifestações culturais que ocorrem no Brasil, não será diferente (OLIVEIRA; HOLGADO, 2016, p. 87).

Nesse sentido, são feitas considerações a respeito da utilização da música em sala de aula. Com uma base bem definida e organizada, por parte do professor, ela pode se tornar um elemento que oferece muitas possibilidades a serem exploradas, com ritmos e letras que transmitam a realidade de cada local, no caso do presente artigo se busca compreender como a música retrata as paisagens do Mato Grosso do Sul.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A música pode ser entendida como instrumento preciso de auxílio aos professores na construção de aulas mais dinâmicas, trazendo à luz possibilidades que auxiliem a construção de um processo de ensino e aprendizagem realmente satisfatório.

No caso específico, indagam-se como as letras das mais variadas músicas apresentam as paisagens do Mato Grosso do Sul? Quais características do estado podem-se identificar nelas?

Este recorte foi feito, principalmente, por se tratar de um estado rico em diversidade artística e cultural, por dois fatos principais: o primeiro é sua posição geográfica, por fazer fronteira com dois países, Paraguai e Bolívia. A segunda diz respeito ao número de migrantes vindos de outros estados, bem como a forte presença da população indígena no estado de Mato Grosso do Sul, formando uma variedade cultural, haja vista que o estado é rico em diversidade musical.

Falando especificamente do contexto musical do estado, sua música se caracteriza em grande parte com ritmos incorporados de diversos locais, como, por exemplo, ritmos advindos da fronteira e ritmos da música da Região Sul.

Em relação às composições das letras, podem-se estabelecer formas de conteúdo que inspiraram os artistas. As primeiras músicas regionais faziam forte alusão aos aspectos econômicos da época, como a agropecuária. Eram músicas que retratavam a vida no campo, conforme Caetano (2012, p. 19): “Num primeiro momento, cantaram a figura do boi, provavelmente o primeiro grande símbolo identitário de Mato Grosso do Sul”. Posterior a esse momento, as músicas do Mato Grosso do Sul começaram a dar maior ênfase à cultura e aos aspectos naturais da região:

[...] para o final da década de 1980, aproveitando a emergência dos interesses midiáticos que vinham em direção ao Pantanal, passaram a produzir suas obras no intuito de dar maior visibilidade à região, especialmente no que remete aos seus aspectos naturais e culturais (CAETANO, 2012, p. 19-20).

Em termos metodológicos, as músicas foram identificadas a partir de dois critérios: de acordo com a apresentação de elementos da paisagem natural e cultural de Mato Grosso do Sul e de acordo com a autoria de artistas regionais. A identificação das músicas ocorreu através de áudios e vídeos que continham as músicas, além de livros, artigos de periódicos, revistas, jornais e sites de músicas.

Após a identificação, foi feita uma análise a partir da qual se pontuou alguns elementos como: ano de criação; compositor; se a menção à paisagem encontrada na música é natural ou cultural; quais elementos da música justificam essa paisagem; e como ela pode ser trabalhada em sala de aula no que compete à Geografia.

Para tanto, foram escolhidas duas músicas para compreender a temática: a primeira intitulada “Comitiva Esperança” (quadro 1), a segunda “Vaca Tucura, Boi Pantaneiro” (quadro 2).

Fazendo uma análise da música citada acima, podem-se levantar alguns pontos importantes: o primeiro é a sua autoria, de Paulo Simões e Almir Sater. Tomamos como exemplo, principalmente, a história de Almir Sater, que além de ser considerado um grande compositor, é sul-mato-grossense, nascido em Campo Grande (capital do estado), no ano de 1956. Desde a infância tinha muita afinidade pela música, conforme destaca trecho da premiação Doutor Honoris Causa dado a Almir Sater, em 2019, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Outorgar o título de Doutor Honoris Causa constitui a máxima distinção concedida pela universidade a personalidades que se tenham distinguido pelo saber e pela atuação em prol das artes, das ciências, da filosofia, das letras e do melhor entendimento entre os povos. Na

UFMS, o título é outorgado mediante proposta de um ou mais membros do Conselho Universitário, conforme texto Doutor Honoris Causa Almir Eduardo Melke Sater (DOUTOR HONORIS CAUSA, 2019).

Quadro 1 - Música 1 – Comitiva Esperança

Comitiva Esperança

Almir Sater/ Paulo Simões

Nossa viagem não é ligeira, ninguém tem pressa de chegar.
A nossa estrada, é boiadeira, não interessa onde vai dar.
Onde a Comitiva Esperança, chega já começa a festança, através do Rio Negro, Nhecolândia e Paiaguás.
Vai descendo o Piqueri, o São Lourenço e o Paraguai.
Tá de passagem, abre a porteira, conforme for pra pernoitar.
Se a gente é boa, hospitaleira, a Comitiva vai tocar, moda ligeira, que é uma doideira, assanha o povo e faz dançar! Oh moda lenta que faz sonhar!
Onde a Comitiva Esperança chega já começa a festança, através do Rio Negro, Nhecolândia e Paiaguás,
Vai descendo o Piqueri, o São Lourenço e o Paraguai. Ê, tempo bom que tava por lá.
Nem vontade de regressar, só vortemo eu vô confessar:
É que as águas chegaram em janeiro, descolamos um barco ligeiro, fomos pra Corumbá.

Fonte: Sater; Simões, 1983.

Quadro 2 – Música 2- Vaca Tucura, boi Pantaneiro.

Vaca tucura, boi pantaneiro

Grupo ACABA

Grande curral / Cerca de carandá / águas profundas/Cheiro de lodo / pedaço de chão / terra molhada.
É o boi que passa / que berra, que muge
Que nasce que cresce / que vive que morre, que puxa carreta / move o engenho.
Faz da garapa / sair o melado
É vaca tucura / é o boi pantaneiro
Eta! bozinho safado
Pintado e encantado.
Em telas e versos amarrado
no tronco
horizonte perdido.
Grande curral / Cerca de carandá / águas profundas, cheiro de lodo / pedaço de chão.
Um rebanho assustado / Olhando de lado
Bate no chão / levanta poeira
desfazendo o cheiro / sangue vermelho do boi que morrera / tem couro no sol
Sanfona e viola / a cama vazia.
O peão que grita / boiada que passa
É o berrante tocando / é o boi que caminha, nesta terra molhada.

Fonte: Grupo ACABA, 1984.

A música *Comitiva Esperança* foi gravada em 1981 e alcançou grande destaque no cenário do Mato Grosso do Sul, bem como no cenário da música nacional. De maneira geral a música trata sobre as comitivas pantaneiras, que cortavam todo o Pantanal, com carros de bois levando a boiada, e traz, também, os rios dessa localidade. É através dessa perspectiva que reflete-se sobre a utilização da música no contexto da sala de aula.

A partir da descrição da música, principalmente a respeito do que é vivenciado até os dias de hoje na região, pode-se extrair diversas possibilidades para trabalhar a questão sobre essa temática.

As comitivas pantaneiras remontam de um tempo em que se destacava a abertura do comércio de gado da região, no qual os boiadeiros, para atravessar as grandes planícies pantaneiras, iam tocando a boiada, ao som do berrante:

As Comitivas Pantaneiras, herdeiras dos Tropeiros, existem há pelo menos 200 anos, coincidindo com o início do desenvolvimento da pecuária enquanto atividade econômica embrionária no então Estado de Mato Grosso. Poucas e precárias estradas dificultavam ao longo do século XIX até meados do século XX, o deslocamento das tropas, trabalho realizado pelos tropeiros/boiadeiros, ainda não organizados em comitivas (BRUM, 2010, p. 19).

Segundo ponto de destaque é a parte referida “através do Rio Negro, Nhecolândia e Paiaguás, vai descendo o Piqueri, o São Lourenço e o Paraguai” (trecho retirado da música). Nesta parte da música, é abordada a relação dos rios que cortam o Pantanal, bem como as suas sub-regiões.

Identificaram-se assim, possibilidades de se trabalhar as questões hídricas, por se tratar de bacias hidrográficas, bem como as localizações dos próprios rios, que cortam diferentes municípios do Mato Grosso do Sul e estão presentes em suas paisagens.

A segunda música analisada também reflete questões ligadas à descrição da paisagem do estado de Mato Grosso do Sul, trazendo uma abordagem voltada à paisagem natural, como é possível identificar no quadro 2.

Primeiramente, vale ressaltar a história da criação do Grupo Acaba, autores da letra da música. É um grupo com uma variedade de músicas que retratam a paisagem sul-matogrossense em suas letras. Criado na década de 1960, especificamente em 1967, sempre foi considerado um dos grandes nomes no cenário cultural do estado.

O Grupo musical ACABA foi criado no contexto cultural do Pantanal Sul-Matogrossense, no qual sua obra é composta por letras que apresentam descrições das Paisagens dessa região, cantam sobre os hábitos do pantaneiro a partir de um projeto de pesquisa musical que tem como propósito divulgar a cultura do Pantanal a partir das letras das músicas e a partir da sonoridade, dos ritmos e de instrumentos próprios. O Grupo

ACABA, cujo nome acaba compõe uma sigla que expressa Associação dos Compositores Autônomos do Bairro Amambaí, representam a música regional de raiz de Mato Grosso do Sul, fundado em 1969, em Campo Grande, com o objetivo de pesquisar, desenvolver e divulgar o folclore do antigo Estado de Mato Grosso e atual Mato Grosso do Sul (SOARES; MIRANDA, 2020, p. 13).

A música estampa aspectos da paisagem natural do Pantanal e também aspectos da paisagem cultural, apresentando elementos que traduzem parte da economia da região. Em termos da paisagem natural do Pantanal, a música traz, logo no começo, a seguinte letra: “Grande curral / Cerca de carandá / águas profundas / Cheiro de lodo / pedaço de chão / terra molhada”. De maneira geral, considera-se, primeiramente, a questão do carandá, que se trata de uma palmeira local. Segundo ponto, ao ser citado “cheiro de lodo, pedaço de chão / terra molhada”, é dado indícios da sensação de estar sentindo e vendo uma planície alagada, fato que colabora para o entendimento da sensação de estar no Pantanal.

Já a paisagem cultural traduz-se principalmente no trecho: “Um rebanho assustado / Olhando de lado / Bate no chão / levanta poeira/ Desfazendo o cheiro / sangue vermelho/ Do boi que morrera / tem couro no sol/ Sanfona e viola / a cama vazia/ O peão que grita / boiadaque passa / É o berrante tocando / é o boi que caminha [...]”.

A partir do trecho citado acima, se faz possível identificar elementos que apresentam tanto a vida do pantaneiro, marcado pelo trabalho com o gado, fonte de renda de parte da população, como a própria base econômica da região. Elementos representados por trechos que articulam a fonte de renda do povo pantaneiro, do “peão”, com o seu próprio modo de vida. Soares e Miranda (2020, p. 13), ao fazerem também uma análise da música traduzem-a de maneira singular:

Essa letra expressa as relações de trabalho – pecuária - presente na região do pantanal, como a utilização de animais como os bois e as vacas, as chamadas travessias que ocorrem na época de cheia, os boiadeiros em seus cavalos pantaneiros tem de atravessar o gado da parte baixa que fica alagada para as partes altas atravessando-os de fazenda a fazenda, esse trabalho já ocorre a dezenas de anos e faz parte da cultura pantaneira.

Sendo assim, considera-se a sua utilização em sala de aula como forma de apresentar elementos da paisagem do Pantanal, parte importante da natureza e cultura sul-mato-grossense, que, se trabalhada de maneira coerente, abre possibilidades para propiciar aulas mais atrativas e construtivas no processo de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é parte central de nossa sociedade, pilar construído ao longo do tempo nas mais diversas características e considerações, que permeiam o pensamento e estudo dessa área.

Ciente disso considera-se, nos estudos dentro da educação, parte importante as discussões sobre a didática. A respeito desse tema, refletiu-se sobre como ele foi ganhando diferentes formas dentro de seu processo evolutivo.

Ainda hoje, as discussões pertinentes à didática ganham contornos únicos, principalmente quando se pensa no contexto da própria educação, seja ela tradicional, ou as ditas pedagogias novas, que apresentam novas formas de compreender a escola e a própria sala de aula.

Dessa forma, refletiu-se sobre qual o papel que a didática assume nos dias atuais, no ambiente escolar, no “chão da escola”, a perspectiva que pode ser encarada, principalmente, no bojo das componentes curriculares, neste caso específico a Geografia.

Cabe à reflexão da Geografia escolar, calcada em diferentes perspectivas e conceitos, o conceito de paisagem que, a grosso modo, vem como a forma de compreender a relação indissociável entre homem e natureza na maneira como é concebida pelo sentido dos seres.

Dessa maneira, começam surgir as inquietações frente à pesquisa, principalmente em como trabalhar este conceito em sala de aula, pensando que a Geografia escolar acaba perpassando, também, um modelo tradicional. Sendo assim, considerou-se um elemento muito importante para essa relação de ensino aprendizagem: a música.

A música sempre fez parte da vida da maior parte das pessoas que, desde pequenas, são inseridas em um mundo composto por diversos sons, alguns mais simples, outros mais compostos, que formam as mais diversas músicas.

Levou-se em conta que as músicas aqui propostas para análise podem contribuir, de maneira significativa, para o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula, uma vez que apresentam em suas letras aspectos do Mato Grosso do Sul e carregam consigo uma relação de pertencimento e identidade em relação ao espaço vivido, que é irradiada ao educando quando trabalhadas em sala de aula, apresentando elementos da paisagem natural, aspectos da natureza (rios, relevo e questões da vegetação do estado) e da paisagem cultural (aspectos econômicos e a vida no campesinato sul-mato-grossense, como costumes e a própria cultura do peão boiadeiro).

Tudo isso pode ser usado de maneira clara e articulada em sala de aula, a fim de promover um processo pedagógico coerente e de explorar as bases significativas para a construção formativa integral do aluno em uma formação lúdica, identitária e geográfica.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Gilberto Luiz. Organização do trabalho didático: a questão conceitual. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 34, n. 2, p. 169-178, 2012.
- ARAUJO, Marcio Santos; VARGAS, Icléia Albuquerque. A geografia pantaneira na música de Mato Grosso do Sul: Paisagens de vida, identidades territoriais. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. v. 03, ed. especial, p. 1-21, 2017.
- BARROS, Rosa Maria Rodrigues; MARQUES, Leticia Coleoni; TAVARES, Luíza Sharith Pereira. A importância da música para o ensino-aprendizagem na educação infantil: reflexões à luz da psicologia histórico-cultural. In: Colóquio Luso- Brasileiro de Educação. **Anais...**, Braga: UDESC, Uminho, UFPA, p. 1- 21, 2018.
- BRUM, Eron. Cenários do Pantanal: o gado, os peões e as comitivas. **Revista de História**, Campo Grande, v. 2, n. 3, p. 19-30, 2010.
- CAETANO, Gilmar Lima. A música regional urbana de Mato Grosso do Sul. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 4, n. 6, p. 83- 102, 2012.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. A formação de professores de Geografia- o lugar da prática de ensino. In: TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes; CHAVES, Sandramara Matias (orgs). **Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 189- 206.
- CORREIA, Marcos Antonio. A função didático-pedagógica da linguagem musical: uma possibilidade na educação. **Educar**, n. 36, p. 127-145, 2010.
- COUTINHO, Clara Pereira; ALVES, Manuela. Educação e sociedade da aprendizagem: um olhar sobre o potencial educativo da internet. **Revista de Formación e Innovación Educativa Universitaria**. v. 3, n 4, p. 206-225, 2010.
- DAVID, Célia Maria. Política Educacional brasileira e sua dimensão social; verso e reverso. In.: DAVID, Célia Maria; SILVA, Hilda Maria Gonçalves da; RIBEIRO, Ricardo; LEMES, Sebastião de Souza (orgs). **Desafios Contemporâneos da Educação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 109- 137.
- DOUTOR HONORIS CAUSA. **Almir Eduardo Melke Sater**. UFMS: Campo Grande, 2019.
- DUARTE, Newton. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos: contribuição à teoria histórico-crítica do currículo**. Campinas: Autores Associados, 2016.
- FREIRE. Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GRUPO ACABA. **Vaca tucura, boi pantaneiro**. 1984. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/grupo-acaba/1384304/>>. Acesso em 17 set. 2021.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, Adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MACEDO, Elizabeth. Currículo e conhecimento: aproximações entre educação e ensino. **Cadernos de Pesquisa**, v.42 n.147, p. 716-737, 2012.
- MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de Paisagem. **RA´EGA**, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004.
- MOREIRA JÚNIOR, Orlando. As cidades pequenas como componente curricular para a Geografia escolar. **Formação**, v. 02, n. 23, p. 20-37, 2016.
- MOREIRA, Ana Claudia; SANTOS, Hallina; COELHO, Irene da Silva. A música na sala de aula - a música como recurso didático. **UNISANTA Humanitas**, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2014.
- OLIVEIRA, Cirlene Aparecida Hilário da Silva. O significado do trabalho interdisciplinar na escola. In: DAVID, Célia Maria; SILVA, Hilda Maria Gonçalves da; RIBEIRO, Ricardo;

- LEMES, Sebastião de Souza (orgs). **Desafios Contemporâneos da Educação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 237- 249.
- OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; HOLGADO, Flávio Lopes. Conhecendo novos sons, novos espaços: a música como elemento didático para as aulas de Geografia. In: DOZENA, Alessandro (org). **Geografia e Música: Diálogos**. Natal: EDUFRN, 2016. p. 84-103.
- PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: Saberes da docência e identidade do professor. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org). **Didática e Interdisciplinaridade**. Campinas: Papyrus, 1998. p. 161- 178.
- SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. **Finisterra**, v. 35, n. 72, p. 37-53, 2001.
- SANTOS, Eva Teixeira; JOIA, Paulo Roberto; ANUNCIACÃO, Vicentina Socorro. Narrativas Geográficas de um processo participativo para desenvolvimento da formação de professor em territórios étnicos. In: CATANANTE, Bartolina Ramalho; PAIXÃO, Roberto Ortiz; SILVA, Walter Guedes (orgs). **Saberes e Fazeres Educacionais: reflexões e experiências em torno da formação de professores, diversidade e organização do trabalho didático**. Dourados: Seriema, 2016. p. 129-146.
- SATER, Almir; SIMÕES, Paulo. **Comitiva Esperança**, 1983. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/almir-sater/44077/>>. Acesso em 17 set. 2021.
- SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores Associados, 2012.
- SAVIANI, Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.
- SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de Paisagem na Geografia. **R. RA'E GA**, n. 7, p. 79-85, 2003.
- SILVA. Paulo Vinícius Batista. Prefácio. In: CATANANTE, Bartolina Ramalho; PAIXÃO, Roberto Ortiz; SILVA, Walter Guedes. **Saberes e Fazeres Educacionais: reflexões e experiências em torno da formação de professores, diversidade e organização do trabalho didático**. Dourados: Seriema, 2016. p. 15- 18.
- SILVA, Daiane Alencar; RAMIRES, Carlos Eduardo; SOUZA, Gabriela Ferreira de; AMARAL NETO, Vitor José Ribeiro; MELLO JÚNIOR, Valdemir Pomerening de. Prática e produção de materiais didáticos para o ensino de Geografia: uma proposta metodológica para o ensino escolar a partir da experiência no ensino acadêmico. **Revista Ensino de Geografia** (Recife), v. 3, n. 1, p. 241- 258, 2020.
- SOARES, João Pedro Jacques; MIRANDA, Elis de Araújo. As representações da Paisagem do Pantanal a partir da obra musical do Grupo ACABA. **Paper do NAEA**, v. 1, n. 2, p. 1–20, 2020.
- URIARTE. Mônica Zewe. Música e escola: um diálogo com a diversidade. **Educar**, n. 24, p. 245-258, 2004.
- VALENTE, José Armando. Mudanças na sociedade, mudanças na Educação: o fazer e o compreender. In: VALENTE, José Armando (org). **O computador na sociedade do conhecimento**. Brasil: USP, 1999. p. 31- 43.
- VASCONCELOS. Teresa. A importância da Educação na construção da cidadania. **Saber (e) Educar**: n.12, p. 109-117, 2007.

Recebido: outubro de 2021.

Aceito: fevereiro de 2022.